

Calzona Collective: um laboratório para a *Land Art* no século XXI

Calzona Collective: a laboratory for Land Art in the 21st Century
Calzona Collective: un laboratorio para la Land Art en el siglo XXI

Brett Stalbaum¹

Jane de Almeida ²

Paula Poole³

Cicero da Silva⁴

¹ Universidade da Califórnia, San Diego, Estados Unidos, walkingtools@gmail.com

² Universidade Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil, janedealmeida@post.harvard.edu

³ Shelter Valley Public Library, Julian, California, Estados Unidos, tecnohipermidia@gmail.com

⁴ Arthur C. Clarke Center, Universidade da Califórnia, San Diego, Estados Unidos, csilva@weber.ucsd.edu

Resumo

O presente relato apresenta uma proposta artística conceitual desenvolvida pelos autores no deserto do Mojave, na Califórnia. *Calzona Collective* é uma instalação coletiva que debate questões ligadas aos espaços territoriais, ocupações, falcatruas nas ocupações de terras, gentrificação e a própria fruição artística. O coletivo de artistas busca repensar as representações do campo da *Land Art*, no contexto do século XXI, em localidades remotas. O coletivo adquiriu no site de leilões Ebay vastas quantidades de terra. Cada alqueire de terra nessa região custa em torno de um dólar. Essa área de terra é denominada Calzona. Nesse espaço territorial, que pertence aos artistas individualmente, os artistas desenvolvem suas ações e obras.

Palavras-chave: *Land art*. Mídia digital. Arte e tecnologia.

Abstract

This text presents a conceptual artistic proposal developed by the authors in the Mojave Desert in California. The Calzona Collective is a installation that seeks to discuss issues related to territorial spaces, occu-

pations, scams in land occupations, gentrification and artistic enjoyment. The collective of artists want to rethink the representations of the Land Art field in the context of the XXI century in remote locations. The collective began acquiring on Ebay vast amounts of land in the Big River region of California. Each acre of land in this region costs about a dollar. This area of land is called Calzona. In this territorial space that belongs to individual artists, artists develop their actions and works.

Keywords: Land art. Digital media. Art & technology.

Resumen

Este texto presenta una propuesta artística conceptual desarrollada por los autores en el desierto de Mojave en California. El Colectivo Calzona es una propuesta de instalación colectiva que busca discutir los temas relacionados con espacios territoriales, ocupaciones, estafas en ocupaciones de tierras, gentrificación y disfrute artístico en sí. El colectivo de artistas busca repensar el campo del Land Art, en el contexto del siglo XXI en lugares remotos. El colectivo comenzó a adquirir en Ebay vastas extensiones de tierra en la región de Big River de California. Cada parte de la tierra en esta región cuesta alrededor de un dólar. Esta área de tierra se llama Calzona. En este espacio territorial los artistas desarrollan sus acciones y trabajos.

Palabras clave: Land art. Medios digitales. Arte y tecnología.

Figura 1

Foto aérea das terras adquiridas pelo coletivo em Calzona, Califórnia. Na foto, o projeto de computadores a energia solar, ao fundo as obras Chinatown, Uber Station, Calzona Tech, entre outras



Fake Lands

A partir da nossa experiência com projetos ligados ao campo da arte & tecnologia dedicados à exploração do que se convencionou chamar mídias locativas ou arte locativa, depois de uma análise cuidadosa do trabalho do coletivo de artistas denominado *eteam*¹ – que já conhecíamos há algum tempo – e do trabalho dos artistas do Center for Land Use Interpretation (CLUI)², decidimos iniciar o desenvolvimento do projeto Calzona Collective (Coletivo Calzona) no deserto da Califórnia. Há mais de uma década, o grupo *eteam* começou a explorar novos tipos de mercados originados de sites de leilão como o Ebay, MercadoLivre, entre outros. Contudo, o coletivo *eteam* começou a desvirtuar os usos que essa “nova economia de mercado” inventou. As referências que os artistas utilizaram em seu trabalho advinham da *Land Art*, movimento que teve Robert Smithson como seu principal expoente. Nesse sentido, a proposta artística do *eteam* era desenvolver projetos que criticavam a estrutura dos sites de leilão, críticas que, nesse caso, somente artistas poderiam pensar ou possivelmente antecipar. Os artistas do *eteam* começaram a comprar terrenos em localidades desérticas, lugares que eles nunca tinham visto nem visitado, totalmente desconhecidos para eles. A segunda parte do projeto era criar nesses lugares uma “residência artística” para que os “artistas selecionados” pudessem viajar até o local e, com suas ações artísticas, comesçassem a mudar a “realidade” local. A ideia era que a prática artística nesses locais abandonados poderia reavivar a terra e trazer novas perspectivas de uso para os locais. Enfim, melhorar conceitualmente a paisagem e, com isso, modificá-la radicalmente, ou nos termos que o coletivo *eteam* usava, “flip it”, o que também poderia ser traduzido como “virar”, sentido que poderia ser pensado em relação ao uso da terra, algo que passasse do estado de abandono absoluto para um estado digno de alguma fruição artística.

O coletivo *eteam* criou um aeroporto em uma das terras adquiridas, uma cidade abandonada. O “aeroporto” Internacional Montello tinha como proposta “reativar” uma localidade na qual vivem no máximo 50 pessoas. A proposta do grupo era pensar na duplicidade entre uma localidade extremamente remota e o fato de se ter um aeroporto internacional nesse local, tornando a cidade um “hub” de expectativas não realizadas pelos membros da comunidade, que dificilmente saem daquele local.

Já o coletivo CLUI tem como objetivo ser um centro “Dedicated to the increase and diffusion of knowledge about how the nation’s lands are apportioned, utilized, and perceived”. O projeto iniciou em 1994 e possui uma residência artística anual, que

Figura 2Aeroporto Internacional de Montello, do grupo *eteam***Figura 3**

Imagem do site do CLUI, com os pontos em que o coletivo já atuou nos Estados Unidos



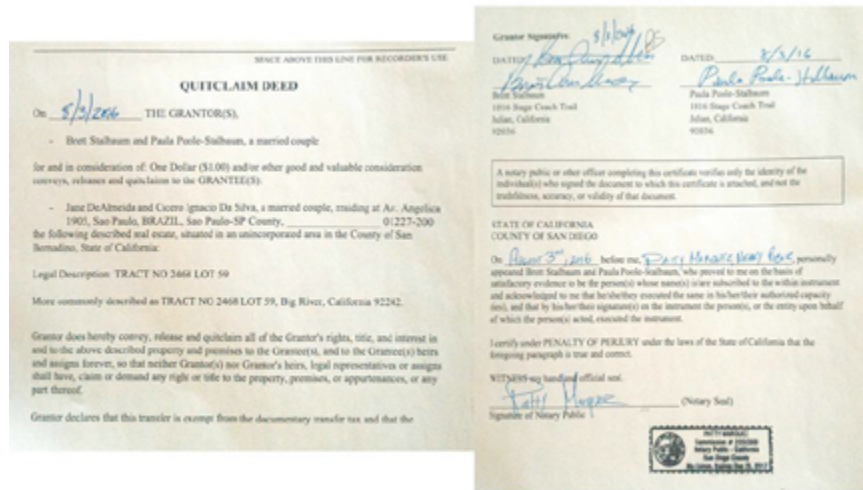
oferece local para a produção de obras ligadas ao uso da terra. O coletivo já hospedou mais de 500 artistas nos seus anos de existência e as obras criadas estão hoje em vários museus espalhados pelo mundo. A maior parte das obras é o resultado de reflexões criativas sobre como a humanidade tem tratado a terra, os espaços públicos, as ocupações territoriais, entre outras ações.

Diversos artistas ligados ao CLUI também realizaram críticas contundentes contra o sistema de exploração da terra, assim como o *eteam* tem feito. Contudo, a crítica mais intensa sobre o termo “virar”, relacionado aos valores das terras, não foi inventado pelo *eteam*. Essa palavra é parte do jargão de um grande número de corretores americanos que compram e vendem imóveis. Nos Estados Unidos existe uma prática corrente que é chamada de “flipping” (inversão), o que na prática é o ato de comprar uma propriedade, de arrumá-la um pouco e depois revendê-la com rapidez para algum incauto e com isso obter um lucro significativo. A partir do início dos anos 2000, esses “picaretas” se tornaram a marca de um esquema de compra e venda de imóveis liderado por Wall Street, o que praticamente derrubou a economia mundial em 2008. O ato de “virar” o valor de um imóvel por meio de empréstimos de péssima qualidade (chamados subprime) era um caminho rápido para a riqueza, embora sem demandar o esforço necessário em termos de trabalho para um indivíduo se tornar esse “novo rico”, e para que esse indivíduo pudesse ser considerado um real participante das economias

emergentes do conhecimento. Antes da crise de 2007-2008, que foi liderada pelo presidente dos Estados Unidos, George Bush II, a especulação imobiliária parecia tão ou mais lucrativa quanto a que ficou conhecida como a “especulação de Pine Barrens”³, que aconteceu de 1789 a 1796. Após o desastre de Pine Barrens, os supostos donos das terras foram abandonados à própria sorte. Eles mesmos tiveram que ir atrás da posse de suas terras e, durante mais de uma década, tentaram reaver o que haviam investido, sem êxito. Após o escândalo dos empréstimos chamados “subprime”, os proprietários de imóveis, os mesmos que tinham feito vários empréstimos financeiros dando suas casas em garantia, os chamados “empréstimos falsos”, acabaram ficando com uma dívida impagável e, em muitos casos, foram levados à falência. Tudo isso enquanto os investidores de Wall Street recebiam bônus financeiros pornográficos. Durante os estudos que nosso Coletivo Calzona desenvolveu, descobrimos que o mundo canalha da especulação imobiliária existe basicamente desde a fundação do que hoje chamamos Estados Unidos, o que pode ser comprovado na obra *A Trilogia Marshall*, que nos foi apresentada pelo professor Ross H. Frank, do Departamento de Estudos Étnicos da Universidade da Califórnia, San Diego (UCSD)⁴. Um exemplo recente dessas gambiarras e picaretagens é a Universidade Trump⁵, um esquema fundado por um investidor do mercado imobiliário, hoje presidente dos Estados Unidos, que usava as mesmas técnicas de venda de corretores de imóveis de má-fé. Contudo, em vez de prometer a “terra” ou a “casa dos sonhos”, vendia “diplomas” para os incautos que caíram no conto do vigário. Ou seja, observamos que simplesmente não existe nada de novo nesse tipo de ação de má-fé, em um sentido histórico. Observamos também que é mais frequente do que se pensa que indivíduos como os Trump’s – os banqueiros de Wall Street, os Neil Bush’s, que deram calotes da ordem de bilhões de dólares, ou mesmo os Andrew Jackson’s da história americana – se safem e suas falcatruas fiquem sem nenhuma reparação. Raramente foram acusados ou condenados e, no caso de Trump, a sociedade americana ainda o premiou com a presidência da república. Como rastro histórico, repousam eventos como a *Trail of Tears* (Trilha das Lágrimas)⁶, o *Swamp Land in Florida* (Terra do Pântano na Flórida)⁷, o *Savings and Loan* (Poupança e Empréstimo)⁸ dos anos 1980 e a crise das hipotecas (subprimes) que levaram à Grande Recessão de 2008. Ou seja, para concluir, nossa base teórico-conceitual e artística parte do pressuposto de que os Estados Unidos são uma nação fundada em fraudes imobiliárias.

Figura 4

Certificado de compra de um dos terrenos adquiridos no Ebay por um dólar em Calzona, Califórnia

**O Coletivo Calzona**

Na obra *1:1 Acre Flat Screen* do grupo *eteam*, os artistas, que mais tarde ajudaram a fundar o Coletivo Calzona, ficaram motivados a acompanhar esta prática paralela de especulação imobiliária sob os termos alternativos que eles já haviam identificado inicialmente no horizonte digital. Usando seus browsers como verdadeiros periscópios, reconfigurando assim um novo mercado que poderia ser denominado de “clícavelmente líquido” (nosso termo), com o intuito de promover vendas especulativas de terras, podemos entender que esse fenômeno era uma crítica prévia da Grande Recessão. Em outras palavras, podemos dizer que esse ato de comprar e vender terras, ocupar locais abandonados no deserto comprados por um, dois dólares, poderia ser considerado a Land Art do século 21, pois, para os artistas do Coletivo Calzona, essa é a sensação. Atualmente, podemos ver o projeto do *eteam* como uma paródia clara e presciente de algo terrível – para a maioria das pessoas –, que ainda estava tomando forma em um futuro próximo, ou seja, quando a paródia foi escrita. Mas, apesar de todo esse peso na consciência, foi emocionante contar com o apoio do *eteam* no desenvolvimento conceitual do projeto *Calzona Collective*. Em nosso trabalho, não importam muito as condições deprimentes, por vezes subjacentes, ao esforço de viajar horas no meio do deserto sem estradas, sem água, sem banheiro, sem nada, para chegar aos locais em que desenvolvemos nossos trabalhos. Esses locais, apesar de tão explorados comercialmente por meio de esquemas

Figura 5

Paula Poole pintando próximo ao projeto do *eteam* chamado *Bergblick site*, no estado de Utah, 2002



fraudulentos, são, na verdade, terras inexploradas e, estando nelas, podemos digerir novas paisagens, explorar e entender esses lugares. Além disso, em muitos casos, fazer amizade com as pessoas que os habitam, que, de uma maneira adorável, gentil e inteligente revelam a beleza do local de formas e maneiras que não haviam sido reveladas antes, às vezes sendo até mesmo capaz de trazerem de volta à vida inúmeras representações esquecidas do deserto – conceitualmente ao menos!

Todas essas questões nos levam indiretamente de volta ao desastre relacionado ao uso e abuso da terra conhecida como Calzona. Calzona é o nome de um lugar oficial e real no dicionário geográfico do *Board on Geographic Names (USGS gazetteer)*⁹, um sistema de registros de terras pertencente aos estados norte-americanos da Califórnia e do Arizona. Calzona fica no lado californiano do rio Colorado, que representa a fronteira entre os dois estados, ao sul das comunidades de Big River (Califórnia) e Parker (Arizona). Há muito o que falar sobre essas localidades, mas o legado americano (leia-se Estados Unidos) de demarcação (o termo legal é “subdivisão”) gerou como resultado unidades territoriais que são inúteis para qualquer propósito econômico razoável, à exceção talvez das fraudes imobiliárias, é claro. Esse fenômeno resume bem a descrição da área de Calzona. Calzona inclui centenas de lotes de 525 metros quadrados, não grandes o suficiente para justificar poços de água individuais e de tamanho insuficiente para sistemas sépticos individuais. No entanto, no início dos anos 1970, esses lotes foram criados como locais tributáveis, com números de registro no cartório de imóveis e uma conta anual de imposto predial no condado de San Bernadino. Outros lotes na área são maiores, mas nossos vizinhos relataram que há arsênico natural na água do subsolo, ou seja, a água

não é potável por causas naturais. Poucas pessoas vivem na área: pessoas do deserto com personalidades complexas, difíceis, com diversas histórias de vida para contar, mas que também são um tanto isoladas da sociedade, às vezes drogadas, contudo, em sua grande parte, razoáveis a para convivência pacífica. Obviamente, quando falamos de “recuperar” essas localidades não fazemos referência a esse tipo de “recuperação”.

Nesse sentido, é importante também dizer que muitos dos lotes em Calzona têm valor econômico negativo: os impostos anuais de propriedade custam mais do que o valor de alguns dos lotes que foram legalmente adquiridos! E quando você deixa que esse tipo de desastre de uso da terra aconteça através de políticas de planejamento e zoneamento, as pessoas, que na maioria das vezes aparecem fisicamente como visitantes reais do território, são aquelas que não detêm o título das terras e, frequentemente, têm atitudes muito menos respeitadas em relação à paisagem. Eles são invasores (geralmente em motos e quadriciclos), caminhonetes ilegais, infelizmente alguns são atiradores, que não sabem como se comportar, e indivíduos que habitam áreas desérticas.

Além disso, é comum receber visitantes ocasionais na região, alguns incautos corretores de imóveis que ainda acreditam que é possível comprar uma terra com valor baixo e vender por um valor alto, o que é absolutamente hilário no contexto de Calzona. Contudo, como o Coletivo Calzona trabalha para estimular artistas a visitarem o local e a produzirem trabalhos que dialoguem com aquela situação territorial de abandono e com a paisagem do deserto, entre outras inspirações, sabemos que em muitas cidades globais são os próprios artistas que, culturalmente, muitas vezes desempenham o papel de gentrificação em certos contextos. Mesmo assim, acreditamos que esse não será o caso com a chegada de um coletivo de artistas em Calzona. Pelo menos não é um sinal de gentrificação no sentido de trazer desenvolvimento residencial e empresarial, ou que economicamente expulsa os residentes e promove o deslocamento dos vizinhos. Por outro lado, nossa proposta é trazer novos vizinhos que se importem com o lugar e que queiram mudar a realidade territorial por meio de intervenções artísticas. É importante notar também que o Coletivo Calzona é bastante diversificado e internacional, consistindo de professores e estudantes de várias partes do mundo: China, Taiwan, Espanha, EUA, Brasil e México. Dessa forma, nossa experiência inicial com a terra, com o deserto, nos fez perceber que muitos estudantes, que aceitam o desafio de ir até Calzona produzir alguma obra têm recursos financeiros para gastar, mas ao chegarem no local não ficam muito estimulados em adquirir terras, afinal de contas, elas têm valor negativo! Não é novidade que grande parte da diversidade do coletivo é oriunda dos nossos alunos, mas

esperamos que em breve artistas profissionais também passem a fazer parte do nosso coletivo. Os autores deste artigo falam em nome do coletivo apenas na medida em que hoje eles são a sua voz discursiva. Este artigo não é, nesse sentido, um “manifesto” ou algo do gênero, é só um texto que reflete sobre as condições de criação de um Coletivo que quer pensar novas formas e usos para o conceito de “terra” e “espaço” na contemporaneidade. Nesse sentido, este artigo é uma aproximação teórica sobre o Coletivo Calzona e, ao mesmo tempo, é, figurativamente, literalmente e discursivamente, uma reflexão sobre seus motivos e realizações estéticas. Sabemos que Calzona é um lugar repleto de valores culturais, mesmo que muito dessa história seja encontrada em manifestações de tristeza, arrependimento e até de internamento. Mas há esperança também.

O Coletivo Calzona parte das seguintes questões: qual o valor que a arte e o design podem descobrir nesses tipos de lugares? Quais intervenções tecnológicas e sociais podem ativar esses espaços e alterar seu status atual, além de – na melhor das hipóteses – decisões de planejamento mal formuladas e ruins? Calzona é um ambiente selvagem – plantas e animais que continuam a ocupar essas terras porque elas têm pouco ou nenhum uso prático para os humanos (além dos lucros inerentes às trambicagens e golpes de terra). Acreditamos que essas paisagens de deserto, formadas por microparcelas fracassadas de terras, podem se tornar as fontes de energia do futuro de Calzona, por meio do uso de energia solar para ativar trabalhos artísticos. Ou talvez os humanos possam aprender a se envolver novamente com a natureza sem os corrimãos macios das trilhas para caminhar em parques, sem os enormes engarrafamentos em parques nacionais (com o tráfego incluído no preço da admissão) ou sem a necessidade de placas de alerta para pessoas que queiram tirar selfies perto dos ursos ou nas bordas perigosas dos penhascos. Talvez o medo puritano do corpo humano suado ou a fraqueza evidente daqueles que temem a vida sem o ar condicionado sejam coisas que a nossa geração de artistas ache mais difícil de superar. Com relação a isso, o Coletivo Calzona acredita que todas essas restrições podem ser superadas, mas só nos resta esperar.

O Coletivo Calzona tem realizado uma série de incursões e “residências” artísticas no deserto da Califórnia. Desde 2016, canalizando a sensibilidade e inspirados pelo trabalho do *eteam*, além de ter estudado seus trabalhos em detalhes, diversos artistas criaram obras públicas nas terras em Calzona. Uma delas foi *Chinatown*. *Chinatown* é uma obra que faz alusão a todas as Chinatown’s que existem em grandes metrópoles. A obra é uma paródia desse fato, pois é óbvio que Calzona também deve ter tido uma Chinatown, com chineses morando por lá há séculos, não é?! É desse ponto que o grupo de

artistas formado por Congqi Zhang, Siyi Ye, Tiffany Lam, Kathy Huynh, Ting Su, Amber Lord, Wen Kuo, Qixin(Sherry) Ding e Weiyin Cheng propuseram a obra para Calzona.

Outro trabalho desenvolvido como paródia das megalópoles é a obra *Uber Station*, que posiciona um “ponto para Uber” no meio do deserto do Mojave, na Califórnia.

O trabalho *El Que Se Rie Cuando Le Da La Gana*, do artista Alexander McVickar, é uma obra que acena com uma crítica contrária aos ditames da regras de comportamento, das boas maneiras, da forma como os indivíduos devem comunicar, perceber e sentir. É uma crítica aos espaços de pensamento da arte e de suas condicionantes.

Figura 6

Chinatown em Calzona, Califórnia. A obra é uma instalação no deserto que à noite serve também como “cinema” para os residentes locais



Figura 7

Foto da obra *Uber Station*, em Calzona, Califórnia



Figura 8

El Que Se Rie Cuando Le Da La Gana, Alexander McVickar, 2016, Calzona, CA



Figura 10

Captura de tela da obra *The People of Calzona*, de Nick Phalen, 2017

**Figura 11**

Imagem da gravadora de Calzona, com alusão ao hino do local, chamado *My Dream Come True*,¹⁰ de Steven Porter



Já a obra de Isaac Fehr é uma ironia com os grandes empreendimentos que vendem terrenos na lua. A proposta do trabalho de Fehr é pensar como são construídas as miragens no deserto, brincando com o desejo das pessoas de enriquecerem sem esforço, vendendo miragens para os incautos no meio do deserto.

O artista Nick Phalen decidiu popularizar na Internet o assunto “Calzona”, tendo em vista que não existe quase nenhuma referência on-line sobre o lugar. Phalen criou um blog, chamado *The People of Calzona*, no qual ele posta as várias atividades que vêm sendo desenvolvidas na região, no estilo de escrita de blogs bastante ativos. Contudo, é irônico perceber que o “estilo hype” de escrita pode ser reproduzido em qualquer circunstância, mesmo tendo Calzona, um deserto no meio do Mojave na Califórnia onde praticamente nada acontece, como mote.

Como não poderia deixar de ser, o trabalho do artista Steven Porter propõe a criação de uma gravadora para Calzona. Além disso, o artista também desenvolveu um hino para a cidade (um *dubstep* bastante atípico).

A obra de Chengxu Zhou, *The Crystal Palace*, é uma proposta de construção para um futuro distante, quando Calzona de fato virar um centro econômico poderoso e influente. O projeto é de um hotel de luxo no meio do deserto, com aspirações globais e design contemporâneo, uma Dubai no meio do deserto do Mojave, sem água potável, na Califórnia. Um sonho impossível.

Já a obra *Calzona Tech*, de Cicero da Silva, é uma ironia com esquemas e pica-retagens de grandes grupos de ensino. Como ocorre no Brasil, nos Estados Unidos as grandes corporações, assim como investem em imóveis, também investem na área de ensino superior. Veja o caso acima citado da Universidade Trump, uma pilhagem de dinheiro dos pobres incautos que sonham com uma vida melhor e são explorados até a última gota de sangue para conseguir um diploma de qualidade duvidosa. *Calzona Tech* se coloca como um lugar de ensino de arte tecnologia aberto, gratuito e no qual qualquer pessoa pode ser tanto instrutor quanto aluno, no qual os certificados são emitidos pelos próprios participantes. Contudo, é importante notar que o charme de ser uma “Tech” pode atrair investidores interessados em amealhar rios de dinheiro dos pobres incautos da classe média terceiro mundista que sonham em ter um título de alguma Tech baseada na Califórnia, nos Estados Unidos. Uma vida melhor os espera em sua terra natal? Quem sabe? Afinal de contas, o certificado pode não ser do Vale do Silício, mas é da Califórnia, logo deve valer alguma coisa, não?!

Figura 12

The Crystal Palace, de Chengxu Zhou



Figura 13Imagem do projeto *Calzona Tech*, de Cicero da Silva

O Coletivo Calzona não pretende ter respostas fáceis para os problemas que vive a humanidade em relação ao uso da terra ou ao espaço representacional da arte no contemporâneo, uma vez que vivemos em um mundo que deixou toda uma geração mais jovem com um legado de problemas herdados, como angústia, medo do fracasso

e com muita desconfiança, principalmente após os *baby boomers* de Woodstocks, os frequentadores do *Burning Man* e outros sujeitos do gênero. Esperamos que possamos criar uma proposta artística que descubra alguma saída para as crises de representação, de justiça, ainda que, ironicamente, essa seja uma tarefa que os chamados millennials herdarão. Calzona, nesse sentido, é um excelente campo de testes para fazer pesquisas sobre o que resta para ser recuperado de toda a destruição econômica e ambiental que está sendo deixada para as gerações vindouras. É, pelo menos, a possibilidade de intervenção nos terrenos perdidos deixados para trás, o que nós vemos como um passo para além do mero consumo debochado.

Calzona é um laboratório multigeracional acidental, para se descobrir o que pode ser feito de tudo o que resta. Deve-se acrescentar que o Coletivo Calzona está aberto a contribuições para o espaço. De nossa parte, os artistas que quiserem vir e produzir suas obras em Calzona não precisam aderir a nenhum conceito ou teoria aqui apresentada, ou em qualquer outro lugar, pois isso seria um contrassenso frente à nossa atitude experimental em relação ao uso da terra, estamos abertos a todos os artistas que quiserem criar alguma proposta para Calzona.

Notas

1. Disponível em: <http://www.meineigenheim.org>. Acesso em: 18 abr. 2018.
2. Disponível em: <http://www.clui.org>. Acesso em: 22 maio 2018.
3. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Pine_Barrens_speculation. Acesso em: 08 abr. 2018.
4. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Tribal_sovereignty_in_the_United_States#The_Marshall_Triology,_1823-1832. Acesso em: 12 abr. 2018.
5. Ver o programa de Last Week Tonight with John Oliver sobre a Universidade Trump. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cBUeipXFisQ>. Acesso em: 02 maio 2018.
6. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Trail_of_Tears. Acesso em: 03 maio 2018.
7. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Swampland_in_Florida. Acesso em: 02 maio 2018.
8. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Savings_and_loan_crisis. Acesso em: 02 maio 2018.

9. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Calzona,_California. Acesso em: 05 maio 2018.

10. Escute o hino aqui: https://soundcloud.com/uda_media/calzona-my-dream-come-true. Acesso em: 08 maio 2018.

Referências

ANDREWS, Max (Ed.) *Land, Art: A Cultural Ecology Handbook*. Londres: Verso, 2006.

BEARDSLEY, John. *Earthworks and Beyond*. Contemporary Art in the Landscape. New York: UC Press, 1998.

BOETTGER, Suzaan. *Earthworks: Art and the Landscape of the Sixties*. Berkeley: University of California Press, 2002.

BRISSAC, Nelson. *Paisagens críticas*. Robert Smithson: arte, ciência e indústria. São Paulo: EDUC, 2010.

Recebido em: 16/08/2018

Aprovado em: 28/03/2019

Publicado em: 17/07/2019